

CORREIO BRAZILIENSE

A arte de Minas

José Sarney

28 MAI 1964

A arte de Minas, acima de todas, foi a política. E o segredo dos mineiros, como sinônimo de política, sempre foi o espírito de conciliar, de encontrar espaços de consenso, de evitar discórdias. Quando elas existiam, eram guardadas num clima de silêncio e segredo. A Magalhães Pinto deve-se, nos últimos tempos, ter encarnado todas as virtudes, as características e as liturgias da política mineira, e são a ele atribuídas as frases definidoras: "Minas está onde sempre esteve" e "Nós mineiros não fazemos guerra, mas não fazemos paz".

A pergunta que se tem feito e tem havido resposta ao longo do tempo é de onde vêm as raízes desse jeito mineiro, dessa conduta típica de brandura, da firmeza sem bravatas e da terra das sedições conciliadas com o espírito da unidade. Há fatos que demonstram essa característica inconfundível. Na chamada República Velha em Minas nunca existiu oposição. Era a terra das bancadas unânimes. A diferença em relação aos outros estados era que em Minas existiam num condomínio de várias chefias de políticos brilhantes, homens de expressão nacional, um comando conjunto num jogo permanente de habilidades e acomodações de tal modo que a oposição nunca teve terreno para ser exercida. Minas foi sempre um terreno de entendimento.

A única dissidência que se conhece foi na campanha civilista, quando João Pinheiro ficou ao lado de Rui Barbosa. Enquanto no Rio Grande do Sul imperava Júlio de Castilhos, Rosa e Silva em Pernambuco, Epitácio Pessoa na Paraíba, Urbano Santos no Maranhão e tantos chefes-caciques, a arte de Minas era dividir na unidade. Daí sua força para, em todos os governos, exercer a presidência ou a vice-presidência. O espírito de Minas Gerais, e sua força, era o de não se dividir, de saber marchar unida. Confrontos internos, jamais.

Juscelino, para ser candidato, construiu um sistema de alianças e concessões, e Magalhães Pinto, quando chefiou a Revolução de 1964, fez um chamamento à unidade, levando para Minas todos, sem qualquer distinção. Foi o último grito da mineiridade política e a canção-desespero pela busca do poder.

Minas, mais populosa que São Paulo, era também um estado cafeeiro, símbolo da riqueza. Suas montanhas guardavam ouro e ferro que atravessaram os mares, Portugal salvou-se, esgotado o comércio das especiarias e batidas suas colônias em toda a Ásia pelos holandeses, graças ao ouro das Gerais, mal utilizado e transformado por D. João III, em pedra, na construção do convento de Mafra. Hoje, Minas debate-se com uma crise política grande, sem atores de decisão nacional, quebrada a força de sua unidade e dividida. Quem poderia imaginar que Minas perdesse a posição que sempre teve no chamado conselho dos cardeais da República?

Tancredo, o último dos mineiros da Velha Guarda, tinha o senso da grandeza da política de Minas Gerais. Não foi por acaso que ele jogou tudo na tradição mineira de conciliar, gesto com que chegou à Presidência da República. Por outro lado, seu ídolo era Honório

Hermete Carneiro Leão, o Marquês do Paraná, o homem da conciliação. Tive a ventura de conviver com a última geração de ouro dos políticos de Minas Gerais. Conheci de perto Milton Campos, Pedro Aleixo, Magalhães, Alkmim, Capanema, Bias Fortes, Lúcio Bittencourt, Israel Pinheiro, Juscelino Kubitschek, Afonso Arinos, Virgílio de Mello Franco e ainda vi, deputado, sentado no Palácio Tiradentes, ele também da bancada mineira, o velho Artur Bernardes. Todos eles eram políticos de grande visão e patriotismo, mas nunca deixaram expostas suas divergências. Eles achavam que a política necessitava de unidade e de consenso. Nada de brigas, na frase do Marquês de Abrantes.

Tancredo morreu e com ele essa geração. Mas, hoje, o Brasil resente-se do poder de equilíbrio na política nacional de Minas Gerais. Minas Gerais exerceu, no país, uma função de assegurar a unidade. Porque Minas encarnava as virtudes em que conviviam os anseios e os problemas de todos os estados mais pobres do país. A visão do país sem sucessões. Daí as suas alianças com o Norte, o Nordeste, o Centro-Oeste. E esse poder de aglutinação evitava a hegemonia de São Paulo, rival e não parceiro, na chamada política do café-com-leite.

Acredito que, com o governo Fernando Henrique, está encerrado um ciclo na política brasileira. O ciclo de Minas, o ciclo da conciliação e da aglutinação. Agora é chegado o tempo da política baseada na marca dos postulados corporativos, para não dizer mais, ideológicos. Agora é o tempo do poder, como ele se caracteriza em sua essência. O poder político é o poder econômico. Essa é uma nova etapa da política brasileira da hegemonia de São Paulo, tendo ele a capacidade de ditar o ritmo da política no país. É o maior eleitorado, é o estado mais rico, é o estado de maior bancada e o mais forte. A pergunta que nos vem pela frente é de como São Paulo vai exercer esse seu apogeu. Diz-se sempre que São Paulo sabe fazer riqueza, mas não sabe fazer política. Agora, ele está provando que, fazendo riqueza, tem que saber fazer política.

Mas há o dado histórico de que o reequilíbrio da política nacional somente será possível quando Minas retomar seu antigo prestígio. E isso ocorrerá somente quando o eixo econômico desviar-se para o Centro-Oeste, para o Norte, porque o caminho desse tempo passa por Minas Gerais, estado mediterrâneo e com uma tradição de aglutinação. O Nordeste vai expiar um longo jejum, já que, agora, em termos eleitorais, sua importância passou a ser afluente e sua influência vive das expressões políticas que ainda tem, mas que tendem a diluir-se como diluiu-se Minas Gerais.

Os paulistas têm o que estava no seu destino: a força econômica e a hegemonia política. O espírito de São Paulo sempre foi o do pioneirismo. É nesse pioneirismo que o Brasil espera que ele exerça o seu comando, utilizando sua riqueza para fazer um país mais forte e mais justo, mais humano e com menos desigualdades.

■ José Sarney é presidente do Senado Federal